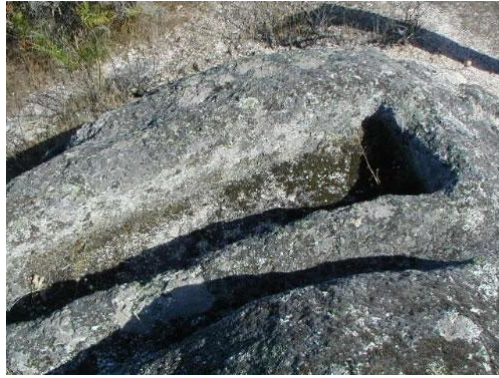


FREGUESIA DE COMENDA DADOS HISTÓRICOS

A região hoje ocupada pela freguesia de Comenda, foi no passado habitada por povos cuja origem se perde no tempo. Como atestam vestígios do neolítico, encontrados na freguesia.



Segundo o Dr. José Heitor Patrão, também povos na alta idade média, e mesmo do neolítico, marcaram a sua presença nesta região do Norte Alentejano. Em Comenda, poderão existir vestígios bem conservados dessa época, faltando um estudo que o venha a comprovar tal facto.



Da época romana a ponte da Ribeira da Venda é um exemplo bem conservado, que nos faz acreditar ser este local importante caminho na época. Tal caminho levaria para sul, passando por Monte da Pedra onde uma ponte com as mesmas características, mas de menor dimensão é conhecida desde tempos imemoriais.

Na sua história mais recente, (Sécs XVI - XVII) terá existido um povoado, chamado "Vila Franca", que estava ao pé de um ribeiro que se chama Vale Frio, e que também é perto de uma ribeira que na altura era chamada de " Vale de Carneiros ou da Venda". Desse povoado praticamente nada se sabe, a não ser que ali esteve a igreja paroquial até ao ano de 1755 (ainda lá há restos de construções no local). A tradição diz que houve peste naquele local, daí ter sido abandonado pelos seus habitantes. É este o local hoje apontado como a provável origem da Comenda, distando os dois locais cerca de 5 Km.

No ano de 1755 passou a ser utilizada a nova igreja paroquial no Vale do Grou. A mudança da igreja paroquial é atribuída a causas sobrenaturais: diz o povo que um dia a santa que estava no altar da igreja no Vale Frio apareceu em cima de um sobreiro no Vale de Grou, e que por mais que levassem a santa de volta para a igreja, ela voltava a aparecer no mesmo sobreiro, o que terá levado a população a transferir a igreja. Junto desta igreja existiram várias habitações, era aqui que vivia o Pároco, e a pequena distância existia e ainda existe hoje um monte, o monte do Vale do Grou. Por esta altura a Comenda tinha cerca de 93 fogos e 245 habitantes, distribuídos pela Comenda, Vale da Feiteira, Vale do Grou, e outros locais menores, e apresentava ao Reitor (os padres eram assim chamados) uma cômgrua de 2 moios de trigo, 45 alqueires de centeio, 25 almudes de vinho em mosto, 3 alqueires de azeite e dois mil réis em dinheiro.

Em 1839 a Comenda aparece na comarca de Tomar, e em 1852 na comarca de Niza.

Em 1874, as descrições que eram feitas apontavam 160 fogos, com a mesma cômgrua de 1755, e como tendo juiz de vintena (tribunal de aldeia constituído por 20 homens).

Em 1936, pertence à Terceira Região Militar e ao Segundo Distrito de Mobilização de Abrantes. Tem neste ano lagares de azeite, fábrica de lacticínios e caldeiras de cortiça. É formada pelos seguintes lugares: Carqueijosa, Castelo Cernado (hoje Comenda), Ferraria, Machoqueira, Outeiro, Polvorão, Polvorosas, Vale da Feiteira, Vale de S. João, Vale do Grou, Vale de Junco, e as herdades.



Consultas: <http://www.comenda.fws1.com>, CMG, Memórias do Concelho

FREGUESIA DE COMENDA, MEMÓRIAS PAROQUIAIS, 1759

As Memórias Paroquiais foram o resultado de um levantamento iniciado em 1758 junto de todas as paróquias de Portugal, três anos após o sismo de Lisboa, por ordem do Marquês de Pombal. Foi enviado um questionário pré definido a todos os párcos, cujas respostas foram posteriormente remetidas à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

Obedecendo à ordem de S. Majestade Fideliíssima que Deus guarde, intimada pelo Reverendíssimo Doutor Provisor do Grão Priorado do Crato, respondo primeiramente acerca da terra e depois o farei quanto ao mais.

O QUE SE PROCURA SABER DA TERRA

1. Em que província fica, a que bispado, comarca, termo e freguesia pertence.

Digo que antigamente houve no distrito desta freguesia um povoado chamado Vila Franca, que estava ao pé de um ribeiro que se chama Vale Frio, que corre da parte norte e também estava perto uma ribeira chamada da Venda de Vale de Carneiros. A haver o dito povoado, diz a tradição que isto se comprova com duas coisas: a primeira que na folha do Almojarifado da vila de Amieira, o Cura dessa paróquia ainda lhe chama Vila Franca; a segunda, lavrandou-se aquele sítio e aí se tem achado muitas vezes cálices e alicerces. Acrescendo a tudo, ali esteve a igreja paróquial até ao ano de mil setecentos e quarenta e cinco, solitária e sem vizinho algum. Não é credível que no princípio tenha sido erigida em lugar deserto. Segundo a mesma tradição houve peste naquela povoação sendo esta a causa do seu abandono. No ano de mil e setecentos e cinquenta e cinco, se usa a nova paróquia igreja do Vale do Grou, que é mais próximo ao sítio da igreja antiga e distava dela meio quarto de légua.

Esta paróquia fica na província do Alentejo, está no Grande Priorado do Crato por ser termo da vila de Belver, que fica da parte da Beira: não se achará freguesia que depois de ser vila tenha tantos detrimentos evidentes, pois além de se achar subordinada e disparada das comarcas, existe como foi dito no termo de Belver que tem Vigariaria da Vara com alguns poucos agregados. A presente freguesia pertence à Vigariaria da Varo do Crato, as Cisas pertencem à vila de Amieira, os Dízimos à vila do Gavião, a Ouvidoria pertence ao Crato e a Provedoria à vila de Tomar. Até o Pároco terá especial trabalho de cobrar a cômrua em duas partes, com se dirá na pergunta oitava.

2. Se é d'el-Rei, ou de donatário, e quem o é ao presente.

Este distrito é dos Grão Piores do Crato cuja dignidade tem atualmente o Sereníssimo Senhor Infante Dom Pedro.

3. Quantos vizinhos tem, e o número de pessoas.

Nesta Freguesia se acham noventa e três fogos e duzentos e dezasseis pessoas de confissão e vinte e nove menores, porem os fogos estão repartidos em casais e propriedades. O maior se chama Vale da Feiteira e tem trinta e quatro fogos, pessoas maiores oitenta e sete, e as menores onze. Depois se segue o casal do Castelo Cernado que tem fogos trinta, pessoas maiores setenta e duas e os menores onze. Depois se segue o casal do Vale do Grou que tem onze fogos, pessoas maiores vinte seis e menores duas. Os demais casais e propriedades têm catorze fogos, pessoas maiores trinta e uma e menores cinco, e os que não são de Sacramento vinte.

4. Se está situada em campina, vale, ou monte e que povoações se descobrem dela, e quanto distam.

O Vale do Grou está num vale alto que dele se descobrem somente as serras da beira.

5. Se tem termo seu, que lugares, ou aldeias compreende, como se chamam, e quantos vizinhos tem.

A freguesia inteira é termo de Belver e dentro não tem aldeias ou lugares, só sim casais como se disse na pergunta quarta.

6. Se a Paróquia está fora do lugar, ou dentro dele, e quantos lugares, ou aldeias tem a freguesia, e todos pelos seus nomes.

A igreja paróquial distará do Vale do Grou treze passos.

7. Qual é o seu orago, quantos altares tem, e de que santos, quantas naves tem; se tem Irmandades, quantas e de que santos.

A igreja não tem naves. O orago é Nossa Senhora da Graça que está no altar maior e no mesmo altar está a Nossa Senhora das Necessidades, que faz muitos milagres, onde concorrem muitos romeiros. Há mais dois altares colaterais: da parte direita, o altar de São Sebastião, e no altar da parte esquerda está a Nossa Senhora do Rosário, e só esta tem irmandade.

8. Se o Pároco é cura, vigário, ou reitor, ou prior, ou abade, e de que apresentação é, e que renda tem.

O Pároco é Cura e também se chama Reitor. A apresentação é do Sereníssimo Senhor Infante Dom Pedro. A Cômrua é de dois moios de trigo, quarenta e cinco alqueires de centeio, vinte e cinco almudes de vinho em mosto, três alqueires de azeite e dois mil reis em dinheiro. O pão e o azeite e o dinheiro se pagam na vila do Gavião e o mosto na vila de Amieira. Tem mais uma fazenda que disfruta por posse antiquíssima junto da igreja velha que levará no ano que se semeia trinta alqueires de centeio em semeadura e em ganadaria quatro ou cinco cabeças de porcos.

9. Se tem beneficiados, quantos, e que renda tem, e quem os apresenta.

Não tem beneficiados.

10. Se tem conventos, e de que religiosos, ou religiosas, e quem são os seus padroeiros.

Não tem conventos.

11. Se tem hospital, quem o administra e que renda tem.

Não tem hospital

12. Se tem casa de Misericórdia, e qual foi a sua origem, e que renda tem; e o que houver de notável em qualquer destas coisas.

Não tem casa de Misericórdia.

13. Se tem algumas ermidas, e de que santos, e se estão dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem.

Tem uma Ermida de São Pedro no lugar da igreja velha, e nesta mesma está São Domingos por lhe cair a Ermida sita no Vale do Junco. Também há a Ermida de Santo António no Casal do Baraçal. Qualquer das ditas Ermidas não pertencem a ninguém e se podem chamar comuns.

14. Se acode a elas romagem, sempre, ou em alguns dias do ano, e quais são estes.

Não lhe acode romagem senão quando lhe fazem a festa no seu dia.

15. Quais são os frutos da terra que os moradores recolhem com maior abundância.

Os frutos que se recolhem da maior abundancia são o centeio, milho e feijões pretos, e há muitas árvores para montarem os porcos. Também há muito mel por haver dentro da freguesia duas mil colmeias pouco mais ou menos, e maior parte delas vêm de fora da freguesia.

16. Se tem juiz ordinário, etc., câmara, ou se está sujeita ao governo das justiças de outra terra, e qual é esta.

Não tem na freguesia senão juiz pedâneo.

17. Se é couto, cabeça de concelho, honra ou beetria.

Não há coisa alguma.

18. Se há memória de que florescessem, ou dela saíssem, alguns homens insignes por virtudes, letras ou armas.

Não há memória de tais homens.

19. Se tem feira, e em que dias, e quanto dura, se é franca ou cativa.

Não tem feira.

20. Se tem correio, e em que dias da semana chega, e parte; e, se o não tem, de que correio se serve, e quanto dista a terra aonde ele chega.

Não tem correio e se serve com o correio do Crato que dista três léguas a esta vila.

21. Quanto dista da cidade capital do bispado, e quanto de Lisboa, capital do Reino.

A cabeça deste Grão Priorado na vila do Crato dista três léguas desta freguesia e a cidade de Lisboa capital do Reino trinta léguas.

22. Se tem algum privilégio, antiguidades, ou outras coisas dignas de memória.

Já se declarou a antiguidade que havia nesta freguesia.

23. Se há na terra, ou perto dela alguma fonte, ou lagoa célebre, e se as suas águas tem alguma especial virtude.

Não há nada.

24. Se for porto de mar, descreva-se o sitio que tem por arte ou por natureza, as embarcações que o frequentam e que pode admitir.

Não é porto de mar.

25. Se a terra for murada, diga-se a qualidade dos seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se há nela, ou no seu distrito algum castelo, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente.

Não é murado.

26. Se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755, e em quê, e se está reparada.

Não teve ruína alguma com o terremoto.

27. E tudo o mais que houver digno de memória, de que não faça menção o presente interrogatório.

Não há mais do que está respondido.

O QUE SE PROCURA SABER DO RIO

1. Como se chama assim, o rio, como o sítio onde nasce.

Nesta freguesia, nos brejos de um vale nas proximidades da Perna do Arneiro nasce um ribeiro chamado Vale do Junco. Uma lagoa distante da freguesia, nasce junto da vila de Arez. A Ribeira do Vale de Carneiros que também se chama da Venda também passa a Ribeira de Sor, servindo de divisão do termo de Belver, da vila de Tolosa, da vila de Gáfete e Crato. A Ribeira de Sor nasce na Aldeia da Lagoa, termo da cidade de Portalegre que dista três léguas desta freguesia.

2. Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o ano.

Nenhuma das ribeiras nascem caudalosas e só o ribeiro do Vale do Junco corre todo o ano.

3. Que outros rios entram nele, e em que sítio.

No Ribeiro do Vale do Junco e no do Vale de Carneiros não se mete ribeira alguma. Na de Sor se metem algumas ribeiras.

4. Se é navegável, e de que embarcações é capaz.

Não são navegáveis.

5. Se é de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distância, ou em alguma parte dela.

Não são arrebatados.

6. Se corre de norte a sul, se de sul a norte, se de poente a nascente, se de nascente a poente.

O Ribeiro do Vale do Junco corre do nascente para o poente, e a Ribeira do Sor da mesma sorte e a Ribeira do Vale de Carneiros corre do nascente para o poente.

7. Se cria peixes, e de que espécie são os que traz em maior abundância.

Todas as ribeiras os peixes que criam são pardelhas e

8. Se há nela pescarias, e em que tempo do ano.

Nas tais ribeiras pesca quem quer.

9. Se as pescarias são livres ou algum senhor particular, em todo o rio, ou em alguma parte dele.

Já ficou respondido acima.

10. Se se cultivam as suas margens, e se tem muito arvoredo de fruto, ou silvestre.

O Sor nas suas margens tem algumas arvores de lande e de bolota e nas duas ribeiras o mesmo mas cultivam-se as margens.

11. Se têm alguma virtude particular as suas águas.

Não consta coisa alguma.

12. Se conserva sempre o mesmo nome, ou começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamam estas, ou se há memória que em outro tempo tivesse outro nome.

O Ribeiro do Vale do Junco chega a Margem e se chama Ribeira de Margem. A Ribeira da Venda ou de Vale de Carneiros em chegando ao casal do Baraçal desta freguesia para baixo se chama a Ribeira da Polvorosa.

13. Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sítio em que entra nele.

A Ribeira do Vale do Junco e a de Vale de Carneiros já se disse na pergunta terceira.

14. Se tem alguma cachoeira, represa, levada, ou açudes que lhe embarquem o ser navegável.

Nunca foram navegáveis nem serão ainda.

15. Se tem pontes de cantaria, ou de pau, quantas e em que sítio.

A Ribeira do Vale de Carneiros ou da Venda ao pé da igreja velha tem uma ponte de cantaria só com dois arcos.

16. Se tem moinhos, lagares de azeite, pisões, noras ou algum outro engenho.

No Ribeiro do Vale do Junco há dois moinhos e um lagar de azeite e não há mais engenhos nesta freguesia.

17. Se em algum tempo, ou no presente, se tirou ouro das suas areias.

Não consta.

18. Se os povos usam livremente as suas águas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão.

Todas as ribeiras se usam livremente das suas águas.

19. Quantas léguas tem o rio, e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba.

Quanto ao Ribeiro do Vale do Junco do seu nascimento até se meter em Sor, são duas léguas. A Ribeira do Vale de Carneiros até se meter em Sor são duas léguas. Quanto à Ribeira do Sor não se sabe onde acaba, e passa pela vila da Ponte de Sor.

20. E qualquer coisa notável, que não vá neste interrogatório.

Não tenho que dizer.

Comenda, 9 de Setembro de 1759

O Reitor e Cura João de Oliveira (...) (ilegível)

Transcrição e adaptação: Miguel F. Porfírio

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

FREGUESIA DE COMENDA, AS SUAS GENTES HÁ QUASE 300 ANOS ATRÁS

Uma análise aos primeiros registos de batismo na Comenda, disponíveis a partir do ano de 1732, permite de uma forma global obter algumas informações interessantes acerca da proveniência das gentes da nossa freguesia, os seus apelidos e os nomes próprios mais populares à época. Estes registos paroquiais são igualmente relevantes na medida em que se tratam de documentos anteriores à igreja paroquial do Vale do Grou (provavelmente construída em 1755) e, por conseguinte, oriundos da igreja que supostamente terá existido em Vale Frio, abandonada pelo povo devido à peste, conforme atrás mencionado.

Para que conste, o primeiro registo oficial disponível de um nascimento na Comenda data de 16 de dezembro de 1732 e diz respeito ao batismo de 'Maria', filha de 'Manuel dos Santos' do Espinhal, Freguesia do Concelho de Penela no Distrito de Coimbra e de 'Isabel Dias' natural do Vale da Feiteira.

Origens das gentes

O levantamento da proveniência dos habitantes da Comenda no século XVIII incidiu no período 1732-1742, o primeiro do qual chegaram até nós registos paroquiais. Para o efeito foram analisados a totalidade (146) dos assentos de batismo na década em questão e determinado o local de nascimento dos pais dos progenitores das crianças batizadas (4 locais por registo). Na altura a população da freguesia deveria rondar as duas centenas (Portugal, pouco mais de 2 milhões).

A principal conclusão relativamente às origens dos comendenses no decénio em questão é que mais de metade destes (60%) era proveniente de outras freguesias. Destas pessoas que não tinham nascido na freguesia da Comenda, a esmagadora maioria (96%) era no entanto originária de localidades situadas num raio de 30 quilómetros de distancia, maioritariamente da Margem, Atalaia, Belver, Monte da Pedra, Gavião e Mação. Cerca de 2% daqueles que vinham de fora eram originários de terras mais longínquas situadas nos distritos de Coimbra, Aveiro, Porto ou Braga.

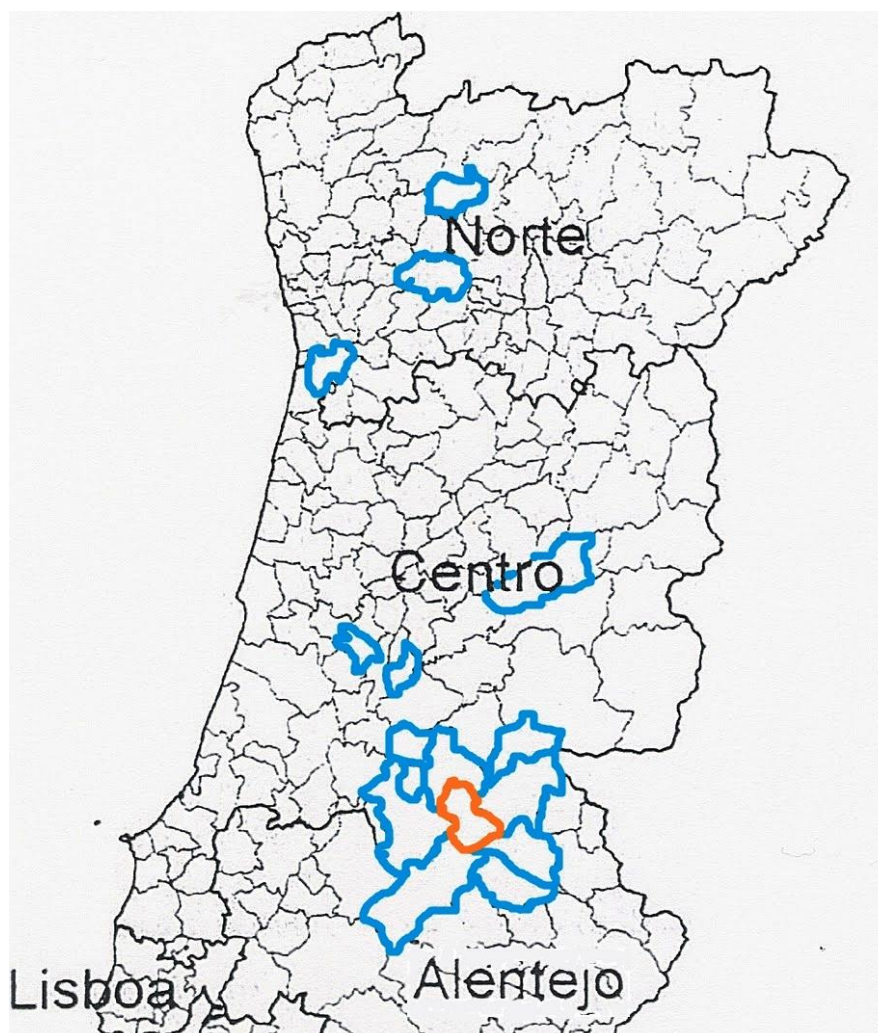
Se estes conhecimentos nos levam a crer que haveriam motivos suficientemente fortes para gentes de fora procurarem a Comenda, também vêm confirmar a considerável mobilidade das populações em Portugal na época do reinado de D. João V, um país ainda com muitas terras por povoar (principalmente nas regiões do interior centro e sul), mas igualmente com milhares de pessoas a emigrarem para o Brasil, atraídos pelo seu ouro.

LOCAL DE NASCIMENTO DOS PAIS DOS PROGENITORES DAS CRIANÇAS BATIZADAS NA COMENDA ENTRE 1732 E 1742

| Freguesia | Concelho | Distrito | Total | % |
|-------------------|---------------------|------------|-------|-----|
| Comenda | Gavião | Portalegre | 231 | 40% |
| Margem | Gavião | Portalegre | 42 | 7% |
| Atalaia | Gavião | Portalegre | 41 | 7% |
| Belver | Gavião | Portalegre | 34 | 6% |
| Monte da Pedra | Crato | Portalegre | 27 | 5% |
| Gavião | Gavião | Portalegre | 19 | 3% |
| Mação | Mação | Santarém | 15 | 3% |
| Amieira | Nisa | Portalegre | 13 | 2% |
| Fagundo | Abrantes | Santarém | 12 | 2% |
| Torre das Vargens | Ponte de Sor | Portalegre | 12 | 2% |
| Abrantes | Abrantes | Santarém | 11 | 2% |
| Tolosa | Nisa | Portalegre | 11 | 2% |
| Ponte de Sor | Ponte de Sor | Portalegre | 10 | 2% |
| Amendoa | Mação | Santarém | 8 | 1% |
| Bastos | Cabeceira de Bastos | Braga | 8 | 1% |
| Caratão | Mação | Santarém | 8 | 1% |

| | | | | |
|--------------------|-------------------------|----------------|-----|------|
| Penhascoso | Mação | Santarém | 8 | 1% |
| Souto | Ferreira do Zêzere | Santarém | 8 | 1% |
| Vila de Rei | Vila de Rei | Castelo Branco | 8 | 1% |
| Sanguinheira | Ponte de Sor | Portalegre | 7 | 1% |
| Degracia | Gavião | Portalegre | 5 | 1% |
| Pedrogão Grande | Pedrogão Grande | Leiria | 5 | 1% |
| Cunheira | Alter do Chao | Portalegre | 4 | 1% |
| Fratel | Vila Velha de Rodão | Castelo Branco | 4 | 1% |
| Mouriscas | Abrantes | Santarém | 4 | 1% |
| Alvega | Abrantes | Santarém | 3 | 1% |
| Cardigos | Mação | Santarém | 3 | 1% |
| Vale | Ponte de Sor | Portalegre | 3 | 1% |
| Chancelaria | Alter do Chão | Portalegre | 2 | 0% |
| Crato | Crato | Portalegre | 2 | 0% |
| Espinhhal | Penela | Coimbra | 2 | 0% |
| S. Miguel do Souto | Santa da Maria da Feira | Aveiro | 2 | 0% |
| Silveira | Gavião | Portalegre | 2 | 0% |
| Tortosendo | Covilhã | Castelo Branco | 2 | 0% |
| Alter Pedroso | Alter do Chão | Portalegre | 1 | 0% |
| Nisa | Nisa | Portalegre | 1 | 0% |
| Vila Meã | Amarante | Porto | 1 | 0% |
| | | | 579 | 100% |

Fonte: Registos paroquiais portugueses



Fonte: Regões NUT II

Apelidos e nomes próprios

Para a obtenção de uma panorâmica (indicativa mas muito aproximada) dos apelidos e nomes próprios existentes nos primórdios da nossa freguesia, foram decompostos os nomes dos progenitores constantes dos 261 registos de

batismo referentes às duas primeiras décadas de registos disponíveis, entre 1732 e 1752 (média de 13 batismos por ano).

Relativamente aos **apelidos** dos 106 progenitores pela parte paterna mencionados nos 261 registos em questão, foi possível determinar a existência de 36 diferentes (nota: na época a maioria das mulheres não possuía apelido ou este não era transmitido). Os apelidos com maior implantação à época eram 'Dias' (21% do total) e 'Rodrigues' (10%), seguidos de 'Matos' e 'Martins' (cada um com 7%), 'Marques' (6%), 'Alves', 'Chambel', 'Heitor' e 'Lourenço' (cada um com 5%).

APELIDO DOS PROGENITORES DAS CRIANÇAS BATIZADAS NA COMENDA ENTRE 1732 E 1752

| Apelido | Total | % |
|----------------|--------------|----------|
| Dias | 22 | 21% |
| Rodrigues | 11 | 10% |
| de Matos | 7 | 7% |
| Martins | 7 | 7% |
| Marques | 6 | 6% |
| Alves | 5 | 5% |
| Chambel | 5 | 5% |
| Heitor | 5 | 5% |
| Lourenço | 5 | 5% |
| Fernandes | 3 | 3% |
| Gonçalves | 3 | 3% |
| Guedelha | 2 | 2% |
| Pires | 2 | 2% |
| Belo | 1 | 1% |
| Branco | 1 | 1% |
| Casaca | 1 | 1% |
| Chamiço | 1 | 1% |
| Coelho | 1 | 1% |
| de Almeida | 1 | 1% |
| de Pina | 1 | 1% |
| Delgado | 1 | 1% |
| dos Santos | 1 | 1% |
| Esteves | 1 | 1% |
| Ferreira | 1 | 1% |
| Fialho | 1 | 1% |
| Francisco | 1 | 1% |
| Gaspar | 1 | 1% |
| Gomes | 1 | 1% |
| Heleno | 1 | 1% |
| Jorge | 1 | 1% |
| Lopes | 1 | 1% |
| Luis | 1 | 1% |
| Redondo | 1 | 1% |
| Rodriguinho | 1 | 1% |
| Tavares | 1 | 1% |
| Valente | 1 | 1% |
| | 106 | 100% |

Fonte: Registos paroquiais portugueses

No que diz respeito aos **nomes próprios das progenitoras**, o destaque vai largamente para 'Maria' com 38% do total. O segundo nome mais popular à época na Comenda era 'Isabel' (16%), seguindo-se-lhe 'Catarina' (6%) e 'Margarida' (5%).

NOMES PRÓPRIOS DAS PROGENITORAS DAS CRIANÇAS BATIZADAS NA COMENDA ENTRE 1732 E 1752

| Nome | Total | % |
|-------------|--------------|----------|
| Maria | 38 | 38% |

| | | |
|-----------|----|------|
| Isabel | 16 | 16% |
| Catarina | 6 | 6% |
| Margarida | 5 | 5% |
| Ana | 3 | 3% |
| Esperança | 3 | 3% |
| Lucia | 3 | 3% |
| Felicia | 2 | 2% |
| Joana | 2 | 2% |
| Marta | 2 | 2% |
| Agueda | 1 | 1% |
| Angela | 1 | 1% |
| Antonia | 1 | 1% |
| Bernarda | 1 | 1% |
| Domingas | 1 | 1% |
| Eugenia | 1 | 1% |
| Francisca | 1 | 1% |
| Guimar | 1 | 1% |
| Helena | 1 | 1% |
| Jacinta | 1 | 1% |
| Pascoal | 1 | 1% |
| Perpetua | 1 | 1% |
| Rita | 1 | 1% |
| Rosa | 1 | 1% |
| Rozalia | 1 | 1% |
| Teresa | 1 | 1% |
| Tomázia | 1 | 1% |
| Vicencia | 1 | 1% |
| Violante | 1 | 1% |
| | 99 | 100% |

Fonte: Registos paroquiais portugueses

Quanto aos **nomes próprios dos progenitores**, constata-se que os mais populares no período de vinte anos examinado eram 'Manuel' (34%), 'António' e 'João' (cada um com 15%). Outros nomes próprios populares na nossa terra eram Domingos (7%), José (6%), Francisco e Pedro (cada um com 4%).

NOMES PRÓPRIOS DOS PROGENITORES DAS CRIANÇAS BATIZADAS NA COMENDA ENTRE 1732 E 1752

| Nome | Total | % |
|-------------|--------------|----------|
| Manuel | 36 | 34% |
| António | 16 | 15% |
| João | 16 | 15% |
| Domingos | 7 | 7% |
| José | 6 | 6% |
| Francisco | 4 | 4% |
| Pedro | 4 | 4% |
| Paulo | 2 | 2% |
| Aleixo | 1 | 1% |
| Amaro | 1 | 1% |
| Ascenço | 1 | 1% |
| Caetano | 1 | 1% |
| Joaquim | 1 | 1% |
| Marcos | 1 | 1% |
| Matias | 1 | 1% |
| Micaelo | 1 | 1% |
| Miguel | 1 | 1% |
| Pascoal | 1 | 1% |
| Sebastião | 1 | 1% |
| Silvestre | 1 | 1% |
| Simão | 1 | 1% |
| Tomé | 1 | 1% |

| | | |
|---------|-----|------|
| Vicente | 1 | 1% |
| | 106 | 100% |

Fonte: Registos paroquiais portugueses

Autoria: Miguel F. Porfírio